

INFECÇÕES CRIPTOCÓCICAS EM INDIVÍDUOS QUE VIVEM COM DIABETES: UMA ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA DE DADOS DO SUS NO BRASIL DURANTE O PERÍODO DE 2011 A 2020 (APOIO SANTANDER)

Aluna: Carla Ediane Batista Corrêa

Orientador: Prof. Dr. Fernando Ananias

Curso: Farmácia

Polo: Campinas

A criptococose é uma micose sistêmica de caráter invasivo e oportunista, transmitida por fungos do gênero *Cryptococcus* e adquirida por inalação. Causa infecção alojando-se nos pulmões, podendo apresentar-se de forma assintomática ou com sintomatologia diversa. Em quadros de deficiência imunológica, como os causados pelo diabetes, pode reativar-se, tendendo a evoluir para meningoencefalite ou doença disseminada. No Brasil, a criptococose não é de notificação compulsória, por isso os dados são indiretos, mas dados do DATASUS SIM e SIH apontam que entre os anos de 2011 e 2020 ocorreram 1.111 óbitos por criptococose de pacientes do sexo masculino, com idade na faixa de 35 a 64, de raça branca ou parda. As maiores taxas de mortalidade média estão nas regiões sudeste e norte. Os estados com maior taxa de mortalidade foram Roraima e Rio Grande do Norte. No mesmo período, ocorreram 622.597 óbitos por diabetes mellitus. Embora o perfil regional e dos pacientes não sejam iguais aos resultados para criptococose, a morbidade hospitalar analisada indica que em média 4% das internações por diabetes resultam em morte. Em Roraima, a média de óbitos sobe para 6% e no Rio Grande do Norte 5%. Assim, é importante que protocolos e diretrizes para atendimento hospitalar de diabéticos sejam efetivos no diagnóstico e tratamento, incluindo a avaliação do quadro geral e imunológico desses pacientes, evitando tratamentos equivocados. Ademais, diante desses números, o teste rápido e terapia medicamentosa para criptococose descritas nas diretrizes do SUS para pacientes HIV positivo também podem contribuir para tratamentos de diabéticos.